



# Combatendo os bandidos e organizando populações

## ● Entrevista com Tenente-Coronel Zacarias Tivane

A entrevista que se segue com um dos mais altos dirigentes militares de Sofala foi realizada pela equipa de jornalistas referida noutra parte do presente trabalho. Estávamos nos arredores de Nhamatanda, num local que fora já base dos bandidos armados e de onde foram expulsos.

Militar operacional desde os tempos da luta armada, o Tenente-Coronel Zacarias Tivane é homem de muitos combates, de muitas batalhas. A conversa com ele foi longa. Aqui apresentamos aquilo que nos disse sobre a situação militar passada e presente no Distrito de Nhamatanda e, em geral, na Província de Sofala.

Começámos por perguntar como é que as Forças Armadas de Moçambique se tinham organizado para expulsar os bandidos armados do Distrito de Nhamatanda:



Tenente-Coronel Zacarias Tivane: «A nossa situação a nível da Província melhorou bastante»

A primeira preocupação que tivemos foi a seguinte: em vez de organizarmos as forças só para defenderem as vilas e as cidades, achámos melhor organizá-las para irem atacar onde os bandos armados estavam a viver, onde tinham os seus acampamentos. A primeira tarefa que fizemos no início foi a de fazer uma acção muito activa e combativa neste distrito.

Escolhemos este distrito, primeiro porque está no meio dos outros e daqui o comando militar pode dirigir as suas acções ou para o sul da província ou para o norte. Segundo porque era o lugar de desdobramento do inimigo. Quer dizer o inimigo fazia as suas acções mais activas neste distrito porque é um distrito que está no meio, como disse, e do qual ele saía do sul para o norte da província na zona da Gorongosa, e de Gorongosa desenvolvia outras acções para outras províncias. Portanto, nós tínhamos que fazer grande acção aqui onde destruímos muitos acampamentos

como o de M'cuzi, o de Silassico e Xedea. Estes três foram os primeiros onde nós tínhamos que fazer acções donde saiu essa grande parte da população. Mas isso só não nos bastou. Fomos para a zona sul com prioridade para garantir a movimentação das populações e dos carros.

Em Abril do ano findo (1983), para garantir a realização do IV Congresso entrámos em acções combativas por toda a parte sul da nossa Província onde destruímos para além daqueles acampamentos de que falei, o acampamento de Mugogodja e o acampamento de Guludja (acampamentos muito famosos) e o acampamento de Z'tundo que era um acampamento muito grande. Mas tanto ele como o de Mugogodja eram dirigidos pelo grande acampamento de Guludja.

No seu assalto tínhamos que utilizar grande parte do nosso esforço e quem estava a dirigir directamente o assalto era o Chefe do

Estado-Maior do Comando Militar Provincial, Major Massamba. Ele pode dizer que as acções juntamente com os oficiais-comandantes de batalhões. E conseguimos. Encontrámos nesta base muito material, tendas da África do Sul e destruímos muitas cabanas, cerca de 545 cabanas. E depois não saímos da zona. Tínhamos que deixar as nossas forças lá.

## RECUPERAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

Noutras acções dirigidas directamente pelo Major Caxaxe, destruímos o grande acampamento de Matundo que era considerado a base que dirigia todas as acções ao nível da província. Destruímos esse e outros como Xinhica. Neste momento há outros acampamentos onde se estão a fazer acções.

Podemos dizer que a nossa situação a nível da província melhorou bastante. Foram recuperadas milhares de populações. Algumas dessas populações são essas que vocês estão a ver por aqui. Mas grande parte da população está em Silassico, Xedea, Macolocodje e M'cuzi.

Esse trabalho da organização das populações não é feito só por nós das Forças Armadas mas também as estruturas do Partido apoiam-nos. Claro nalgumas zonas onde as estruturas do Partido não podem chegar lá, nós informamos e recebemos orientações de como organizar. E em cada subunidade de cada batalhão temos lá trabalhadores político-militares. É o caso de M'cuzi onde o Secretário Provisório que está lá é um militar.

Em resumo, trabalhamos na organização da base social das populações em colaboração com as estruturas do Partido. Antes de tudo primeiro organizamos onde essas populações possam viver, construir as suas casas, abrir as suas machambas individuais e cooperativas, organizar escolas, postos de saúde e lojas. Não são lojas assim famosas. São cabanas como



Mostrando no mapa de operações a localização dos acampamentos destruídos

esta que aqui está mas lá tem alguma coisa que a população pode comprar e aquela população que tem alguma coisa para trocar tem alguma possibilidade de trocar.

## AS MARCAS SUL-AFRICANAS

P.: — E dos bandidos têm-se entregado muitos?

R.: — No início das nossas acções sim. Tínhamos dois que ficaram um a dois anos na base do inimigo. Mas em todas as acções temos tido muitos sucessos nesse aspecto. Temos utilizado política de clemência. Os que se entregam têm a sua forma de serem tratados. Conversamos com eles, e são mesmo eles que nos fornecem dados concretos da localização dos bandos armados.

P.: — Do armamento capturado há provas do envolvimento sul-africano?

R.: — As provas são a marca do material que os bandos armados utilizam e que é fabricado na África do Sul: Minas dirigidas, canhões, morteiros, tudo. Inclusive tendas. Toda a logística dos bandidos demonstra esse envolvimento.

Em Guludja e na Gorongosa (onde eu es-



«Não posso dizer que não haverá mais acções dos bandidos»

tive há pouco), os sul-africanos utilizam a aviação. Durante o tempo em que estive em Gorongosa eu vi aviões tipo «Dakota».

**P.:— Mas os sul-africanos têm alguma participação nos combates?**

**R.:—** Sim, porque eles é que servem como comandantes. A informação da existência deles em algumas bases é constante. A África do Sul está lá. Não só os sul-africanos mas desconfia-se também de israelitas. Isso não é informação simples. Até em alguns casos são visíveis. Há provas concretas, além do material também há documentos. Há bases onde são encontrados alguns mortos. Em movimento, quando há um encontro de choque têm sido vistos esses (cor, cabelos, a maneira de ser) que nós suspeitamos serem israelitas. Mas quanto ao boer nós não temos dúvidas.

## A DEBANDADA DOS BANDIDOS

**P.:— Pode dar o número de bandidos abatidos?**



Soldados repousando nas zonas de combate

**R.:—** Posso dar exemplo de algumas bases onde eu vi concretamente. Por exemplo, no caso de Matundo. Só num combate no primeiro dia foram 27. No caso de Gorongosa aí já são bastantes. Eu pude assistir em 8 combates que realizámos na minha presença que lá havia algumas vezes 9, 12, 6...

**P.:— Qual o argumento que os bandidos usam quando se entregam?**

**R.:—** Eles entregaram-se porquê a situação lá é muito difícil. Primeiro, estão as nossas acções militares. Depois têm questões de fome e alguns entregam-se e dizem que já estão arrependidos.

**P.:— Há informações de que os bandidos que estão a fugir de Sofala descem para Inhambane...**

**R.:—** Bem essas informações nós temos. Mas não restam dúvidas porque se é que aqui estavam e agora não estão têm que estar numa dessas partes... Até ao nível geral se não des-

cer são esses que não fazem distúrbios na Zimbozia e em... Mas além de Inhambane foram também... a aquelas zonas de Ximanimani, na Província de Manica.

**P.:— A que é que se deve o êxito das nossas acções militares?**

**R.:—** Grande parte ao esforço organizativo das populações, mesmo das populações das zonas afectadas, que nos dão informações concretas e nos apoiam no transporte de material e noutras coisas de que necessitamos para podermos combater. Isso vimos nós na Gorongosa, vimos aqui.

Em 1982, as acções dos bandos armados eram acções já muito activas deste lado. Nós não estávamos aqui, nem o posto estava aqui. Éramos obrigados a mobilizar as populações para que transportassem o material pelo mato para irem apoiar os camaradas que estavam em Silassico. Hoje em dia há picada, mas fomos nós que abrimos. As populações transportavam comida, e algumas saíam daí e vinham dar dados concretos sobre a localização dos bandidos armados. E nessa altura nós íamos, combatíamos e tínhamos êxito.

## BANDIDOS CRIAM FOME E AFFECTAM ECONOMIA

**P.:— Até que medida é que a acção dos bandidos armados agrava o problema da fome?**

**R.:—** Agrava na medida em que quando vamos combater numa zona «X» a população não pode produzir. É obrigada a ser nómada. Depois o bandido dispara aqui, rouba ali. Isso afecta.

Temos o distrito da Gorongosa, que está afectado e é um distrito fértil. Temos o distrito de Nhamatanda, outro distrito fértil. Temos também o distrito de Machanga que ao nível de todo o Moçambique é o maior produtor de castanha de caju. Portanto, na altura em que eles estão lá eles fazem as suas acções, é difícil haver escoamento de castanha, é difícil a população activar a apanha da castanha. Eles actuam em distritos ricos que afectam a nossa economia.

**P.:— Pode-nos descrever qual era a situação na estrada para o Zimbabwe?**

**R.:—** Para andarmos tínhamos que ter escolta. E havia carros que eram queimados na estrada. Alguns caíam na emboscada. Não sei se vocês viram aí alguns vagões destruídos. Aquilo mostra acções anteriores.

Não posso dizer que não haverá mais acções dos bandidos muito menos neste momento em que estamos em operações militares. Os bandos armados vão tentar fazer todos os possíveis para desmentir os nossos sucessos e não só desmentir como tentar fazer-nos esquecer o plano principal e voltarmos para trás. □